

## A ética do tratamento psicanalítico: diagnóstico diferencial.

**Claudia Wunsch.** Psicóloga. Pós-graduada em Psicanálise Clínica (Freud/Lacan)  
Unipar - Cascavel- PR. Docente do curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera.  
Dourados/MS. Email: clauwu@gmail.com

### A ética do tratamento psicanalítico: diagnóstico diferencial.

Para o tratamento psicanalítico ou a condução da análise, não existem regras específicas, mas Lacan coloca uma exigência: “não há entrada em análise sem as entrevistas preliminares” (LACAN *apud* QUINET, 2005, p.14). Freud denominou esse início de tratamento de ensaio, trabalho necessário para o estabelecimento do diagnóstico diferencial entre neurose e psicose e para a decisão de aceitar um paciente em análise. A função do diagnóstico é de orientar o analista para a condução da análise. Freud (1913) relatou os cuidados que se deve ter quando se conhece pouco sobre um paciente, de só aceitá-lo a princípio provisoriamente.

Freud (1913) se preocupava com o diagnóstico diferencial, para evitar cometer equívocos durante o tratamento, mas adverte que não podemos afirmar que uma tentativa deste tipo sempre nos capacite a chegar a decisões certas. Afirma que o analista é capaz de realizar muito em prol do paciente, mas não pode garantir de antemão exatamente quais resultados produzirá. O analista faz suas tentativas para solucionar as repressões existentes. “Pode supervisionar este processo, auxiliá-lo, afastar

obstáculos em seu caminho, e pode indubitavelmente invalidar grande parte dele”. (FREUD, 1913, p.79). Freud (1913) ressalva que os primeiros diálogos devem ser comedidos até que a transferência se tenha estabelecido só assim o paciente fará uso de alguma instrução.

Quinet afirma que “o diagnóstico só pode ser buscado no registro simbólico, onde são articuladas as questões fundamentais do sujeito (sobre o sexo, a morte, a procriação, a paternidade) quando da travessia do complexo de Édipo” (QUINET, 2005, p.18). Na prática clínica essa questão nem sempre aparece com tanta clareza, há uma dificuldade em estabelecer o diagnóstico e em mantê-lo ao longo do tratamento. Diante disso, trago o exemplo de um caso clínico de uma criança de 03 anos, cuja mãe traz a queixa da escola, sobre a suposição de que a idade cronológica da criança não seja compatível com a idade mental. A mãe está angustiada, diz que o mesmo já roeu um móvel da casa, força o vômito quando não lhe dão atenção e imita o cachorro da casa, lambendo as pessoas. O paciente chega à clínica acompanhado pela mãe e não entra na sala do consultório sem a presença da mesma. Ela permanece nas sessões, e se faz qualquer movimento de sair da sala a criança entra em pânico. A partir de algumas sessões penso no diagnóstico de uma estrutura psicótica - autismo. Após essa suposição, nas próximas sessões a criança consegue entrar na sala desacompanhada da mãe, conseguimos estabelecer uma brincadeira com tintas, no momento de lavar os pincéis eu digo: “Você lava o seu e eu lavo o meu!”. Esta fala remete à uma separação, provoca desespero na criança, que sai correndo com as mãos cheias de tinta atrás da mãe. Esse ato me faz refletir. Lacan afirma que “a angústia, está ligada a eu não saber que *objeto a* sou para o desejo do Outro” (LACAN, 2005, p.353). No momento que o sujeito sente-se descartado pelo Outro, em seu absoluto desamparo é que faz apelo ao simbólico, pela via do pai, pela via do desejo e da Lei.

Lacan no seminário 11 (1979) relata que é somente a partir da distinção entre separação e alienação que há a direção para o tratamento do neurótico. A metáfora paterna é formulada como algo que precisa ser significado, inscrever-se no significado fálico. A relação com o significante é o que constitui a unidade e a diferença entre neurose e psicose. Lacan definiu a forclusão como uma ausência no nível do Outro, de um significante “Nome-do-Pai”. Relata que a forclusão não é um fenômeno a ser observado, é uma hipótese, a causalidade significante da psicose. E essa observação tem importância no diagnóstico.

O sujeito busca a ajuda de um analista quando algo abala a sua arrumação no discurso, e quando a verdade do sujeito se manifesta, algo se arreventa, pode ocorrer uma irrupção no gozo e isso conseqüentemente vem abalá-lo. O analisando depara com o desejo do Outro, pelos buracos do sentido, assim como na metáfora paterna “o desejo da Mãe é simbolizado por sua ausência” (SOLER, 2007, p.66). Lacan (1979) insiste que o desejo do analista funcione como um enigma, para que o analisando possa efetuar sua separação. No tratamento do psicótico falta o eixo da separação, o sujeito psicótico não é inscrito na função fálica.

Collete Soler (2007) comenta que a criança autista parece ficar aquém de qualquer simbolização, o Outro para ele é puramente real, permanecem como puro significado do Outro. Na relação com o Outro o sujeito autista consiste em frear a dialética da fala, tenta manter-se em uma relação com poucas demandas, “absolutamente estereotipadas, repetitivas, sem enunciação” (SOLER, 2007, p.72). Quando o Outro se movimenta, quando os acontecimentos se mostram instáveis, imprevisíveis o sujeito autista sofre impactos. Sua estabilidade depende que o Outro não se movimente, fique inerte.

A psicanalista francesa observa: ao pensarmos no sujeito autista como puro

significado do Outro, podemos compreender que o sujeito é o sintoma do Outro, dos pais ou da mãe. “Ao fazermos falar a mãe ou qualquer um que esteja no lugar do Outro, às vezes obtemos efeitos na criança: quando o Outro articula, o significado se mexe” (SOLER, 2007, p.72).

São crianças que não demandam, não chamam, há ausência do apelo. “É pela demanda que o sujeito “faz sua entrada no real”, o que também significa sua saída do Outro” (SOLER, 2007, P.71).

O problema da separação, é que a criança autista não consegue se separar da mãe ou do analista. O Outro representa a presença do corpo da mãe e os poucos significantes que ela tem acesso.

Posso pensar que o fato da criança ter entrado nas sessões desacompanhado da mãe é uma forma de separação? E que esta separação da mãe só estaria mudando de objeto, da dependência da mãe para dependência da analista, de um Outro para determinar seus significados. Se pensarmos que o autista não faz separação, posso deduzir que meu ato, minha interpretação, fez com que esse sujeito percebesse que a função da analista como ausência de sentido é fazê-lo encontrar seus próprios significados, livrá-lo de ser objeto do Outro, ir à busca de seu desejo e assim encontrar a tragédia, a lei, a proibição e pagar o seu preço por não ficar assujeito do desejo dessa mãe.

Lacan “Os Três Tempos do Édipo” (1958) afirma que a primeira simbolização da criança vem da sua relação com a mãe, é na ausência e presença dessa mãe que a criança entra em questionamento, o que deseja essa mãe? Esse comportamento de ausência da mãe permite a criança ter acesso ao seu objeto de desejo. Lacan (1958) vai dizer que esse objeto de desejo da mãe é o falo, e que é o falo o eixo de toda dialética subjetiva.

Quando Lacan fala sobre “Forclusão-do-Nome-do-Pai” (1958) define a lei do Édipo como aquilo que se articula no nível do significante, é o significante que dá esteio à lei, ao Nome-do-Pai, ao pai simbólico. Para que haja lei, para que ela seja fundada no pai é preciso haver o assassinato do pai, o pai que promulga a lei é o pai morto no simbólico.

Colette Soler (2007) comenta que o Nome-do-pai, a castração, deve ser entendido como castração do gozo, barreira contra o gozo. A proibição do incesto significa essa limitação do gozo. No tocante ao gozo, o objetivo do tratamento psicanalítico é inserir o sujeito dentro dos limites, limites gerados pela coordenação a um significante.

Lacan no seminário 07 afirma: “É no significante, e uma vez que o sujeito articula uma cadeia significante, que ele sente de perto que ele pode faltar à cadeia do que ele é” (Lacan, 1969, p.354). O desejo se encontra por meio de algum ultrapassamento do limite. O desejo do homem é o desejo do Outro, o desejo de desejar.

Diante de minha interpretação: “Você lava o seu e eu lavo o meu!”, a criança sente-se desesperada e corre para a mãe, diante dessa angústia posso dizer que ela não sabe que objeto é para essa mãe? E assim nessa ausência de sentido ter a possibilidade de vivenciar a tragédia do Édipo? Vivenciar a tragédia da estrutura neurótica. Não posso responder a essa pergunta, visto que meu paciente não retornou as sessões após esta interpretação. Concluo que minha fala, aparentemente, pela minha pouca experiência soou como uma ameaça, ameaça de separação. Para a psicanálise é na dimensão trágica que as ações se inscrevem. Lacan (1959) comenta que a ética da análise não é uma arrumação do serviço dos bens, implica uma dimensão da experiência trágica da vida, é

a partir dela que as ações se inscrevem da ação do desejo e de seu fracasso em alcançá-lo.

Bibliografia:

FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud v. XII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

LACAN, J. *O Seminário livro 7 – A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1988.

LACAN, Jacques. *O seminário livro 10- A angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, Jacques, ([1958] 1999) *O seminário, Livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

QUINET, Antonio. *As 4+1 condições de análise – 10ª.ed.*- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

SOLER, Colette. *O inconsciente a céu aberto da psicose / Colette Soler; tradução, Vera Ribeiro; consultoria Marco Antonio Coutinho Jorge. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED; 2007.*